



LIÇÕES PARA O
FUTURO

ANAIS 2020



ÍNDICE

4 ABERTURA E BOAS-VINDAS

Marcello Brito, presidente do Conselho Diretor da ABAG

Gilson Finkelsztain, presidente da B3

Gustavo Junqueira, secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

Alceu Moreira, deputado federal, presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária

Tarcísio Gomes de Freitas, ministro da Infraestrutura

Tereza Cristina, ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

20 PAINEL 1 O AGRO BRASILEIRO E A CRISE GLOBAL

Depoimento: **Marcos Galvão**, embaixador do Brasil junto à União Europeia

Debatedores: **Grazielle Parenti**, presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos - ABIA

Márcio Lopes de Freitas, presidente do Sistema OCB

Paulo Sousa, presidente da Cargill no Brasil

Moderador: **William Waack**, jornalista

32 PAINEL 2 MERCADO FINANCEIRO, SEGURO E CRÉDITO RURAL

Depoimento: **Roberto Campos Neto**, presidente do Banco Central do Brasil

Debatedores: **Pedro Fernandes**, diretor de Agronegócios do Itaú BBA

Fábio Zenaro, diretor de Produtos Balcão, Commodities e Novos Negócios da B3

Ivandré Montiel da Silva, presidente da BrasilSeg

Moderador: **William Waack**, jornalista

44 PAINEL 3 O AGRO E A NOVA DINÂMICA ECONÔMICA, SOCIAL E AMBIENTAL

Depoimento: **Celso Luiz Moretti**, presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa

Debatedores: **André Guimarães**, diretor-executivo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia IPAM / cofacilitador da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura

José Roberto Mendonça de Barros, sócio-diretor da MB Associados

Luiz Felipe Pondé, filósofo e colunista da *Folha de São Paulo*

Moderador: **William Waack**, jornalista

54 ENCERRAMENTO

Roberto Rodrigues, coordenador do FGVAgro da FGV

Marcello Brito, presidente do Conselho Diretor da ABAG

CERIMÔNIA DE ABERTURA



Renata Maron, mestre de cerimônias

Bem-vindos ao 19º Congresso Brasileiro do Agronegócio (CBA), edição 2020, no WTC Sheraton, em São Paulo, em evento *online*, numa realização da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG) e da B3, a Bolsa do Brasil. Este ano, o tema do congresso é **Lições para o Futuro**. Temos como patrocínios *master*: Agrocere, Bayer, BB Seguros, CropLife Brasil, FMC, Mosaic Fertilizantes, Porto do Itaqui e Sicredi. E cotas de patrocínios: Bradesco, Cargill, Case IH, CME Group, Cooxupé, inpEV, Itaú BBA, Jacto, New Holland, Rabobank e Yara Fertilizantes.

Marcello Brito

Presidente do Conselho
Diretor da ABAG

ENFRENTAR O MUNDO PÓS-PANDÊMICO

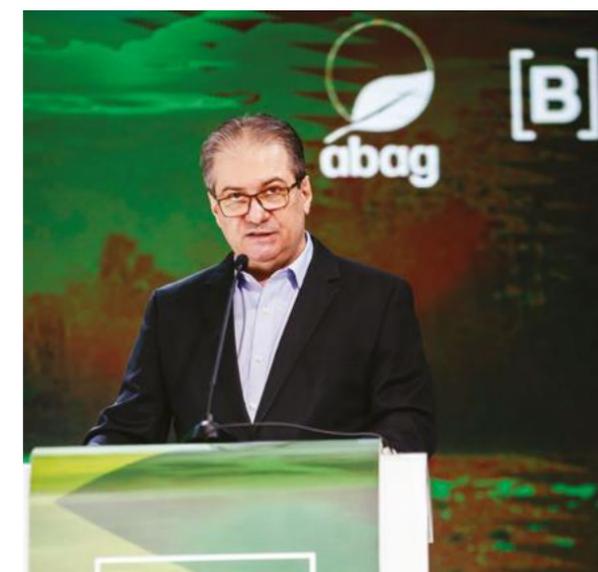
Estamos impactados por esse episódio excepcional e marcante da pandemia. Trataremos desse momento e das lições reservadas para o futuro. O agronegócio segue com produções recordes e resiliência assentada na ciência, com inovação e quebra de paradigmas. Fruto de um trabalho digno de aplausos ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e da ministra Tereza Cristina, nos últimos 18 meses, 85 novos mercados foram abertos no exterior. Resta ao setor empresarial a competência para ocupar esses novos espaços.

Como enfrentaremos e nos afetará esse mundo pós-pandêmico? As guerras comerciais e os rearranjos geopolíticos continuarão. Infelizmente, as instituições globais, ainda fragilizadas pela pandemia, enfrentam um danoso populismo travestido de crescente nacionalismo.

Para agravar, tem-se agora o 'precaucionismo', expressão cunhada por Pascal Lamy, como nova forma de protecionismo, só que bem mais articulada. O período pós-Covid já mostra os sinais de uma realidade que priorizará a saúde, a sanidade e a sustentabilidade. Isso abre ao Brasil e ao mundo portas oportunas de desenvolvimento moderno, com visão verde, de baixo carbono e socialmente justa e integrativa.

Frase antiga diz que não bastava a mulher de César se dizer séria, ela devia mostrar que era séria. Precisamos aprender essa lição. O mundo está cheio de dúvidas, e os holofotes das críticas voltam-se para nós, enquanto detentores da mais importante floresta tropical do mundo.

Desmatamentos, criminalidade e queimadas ilegais na Amazônia, a serem efetivamente atacados, demandam convergência entre os poderes e agentes do estado e do mercado. O governo possui todas as ferramentas para combater a ilegalidade, enquanto a



82 novos
mercados
foram abertos no exterior
nos últimos 18 meses.

transparência serve aos honestos. Manter sob sigilo dados importantes apenas beneficia os infratores. Eventos climáticos extremos e perda de diversidade são ruins para a sociedade e péssimos ao agronegócio.

AGROCERES: HÁ 75 ANOS PARTICIPANDO DA HISTÓRIA DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

Desde 1945, quando Antônio Secundino desenvolveu e comercializou o primeiro milho híbrido adaptado ao Brasil, a Agrocerec acompanha e participa da história de sucesso do agronegócio nacional.

Ao longo de gerações, investimos em tecnologia, inovação, qualidade e atendimento para que o nosso agro continue avançando em produtividade, lucratividade e sustentabilidade.

Hoje, o grupo Agrocerec atua em Nutrição Animal, Genética de Suínos, Sementes de Milho e Sorgo, Proteção de Cultivos, Palmito Cultivado e Nutrição Vegetal.

Sentimo-nos honrados em ter participado do Congresso Brasileiro do Agronegócio, no ano em que celebramos 75 anos.

GRANDES HISTÓRIAS CONSTRÓEM O FUTURO.

AGROCERES.COM.BR



NUTRIÇÃO ANIMAL



GENÉTICA DE SUÍNOS



SEMENTES DE MILHO E SORGO



PALMITOS CULTIVADOS



PROTEÇÃO DE CULTIVOS



NUTRIÇÃO VEGETAL

AGENDA POSITIVA E LEGALISTA

No agro, vivemos da natureza e dos serviços ambientais. No 18º CBA, abordamos a necessidade de o setor privado assumir posições para dar ao governo uma direção de ações contra as ilegalidades, principalmente na Amazônia. Também falamos da necessidade imperiosa de assumirmos o protagonismo desta agenda positiva e legalista, mas infelizmente pouco avançamos.

Fundos de investimentos que mobilizam cerca de R\$ 20 trilhões e um movimento com mais de 60 empresas e algumas associações, entre elas a ABAG, demandaram ações concretas no combate ao desmatamento e à ilegalidade. O movimento favorece uma política de avanço socioambiental e promove uma economia próspera, inclusiva e sustentável. No agro, como não assumimos nosso protagonismo, um grande número de empresas transversais tomou esse tema para si. Talvez seja melhor assim, pois atuaremos com mais força, em parceria com o grande conglomerado do setor privado, incluindo vários dos nossos associados.

Apesar dos desafios impostos pela pandemia, ainda temos relativa estabilidade econômica, mas precisamos de estabilidade política, de segurança jurídica e de garantias de melhoria contínua, de uma política ambiental séria. Por anos, a ABAG coloca a sustentabilidade como foco de eficiência e essência para o desenvolvimento equilibrado do país. Mas os agricultores de boa parte do Brasil continuam sem os documentos da terra onde trabalham, por vezes há mais de 30 anos. Desenvolvemos um ótimo código florestal, porém precisamos implementá-lo para não ficar apenas uma lei bonita no papel.

Apesar de os produtores terem feito o Cadastro Ambiental Rural (CAR), desanima o fato de, na média, menos de 5% serem validados. Os atores dessa cadeia

de ilegalidade precisam fazer a sua parte e reforçar seu compromisso de cidadãos com a nação. Construamos um pacto com os brasileiros legalmente representados, como fez há anos a Espanha despedaçada, ao ressurgir das cinzas. Um pacto para unir os cacos de anos perdidos em ideologias, patrimonialismo, compadrio e interesses de classes privilegiadas. Implementemos as leis aprovadas, sem alimentar plantas daninhas sufocantes do nosso destino.

R\$ 20 trilhões
em fundos de investimentos e um movimento com mais de

60 empresas
e algumas associações, entre elas a ABAG, demandaram ações no combate ao desmatamento.

“A grande maioria dos agricultores e pecuaristas deste país é séria, legal e cidadã. Privilegiemos quem faz do Brasil uma nação honesta, implementemos o Código Florestal e fortaleçamos o Conselho da Amazônia. O agronegócio deve abraçar a causa de maneira honesta e transparente. Ao mesmo tempo, aceleremos as reformas tributária, administrativa e política, sem tirar a competitividade da nossa agroindústria.”

NEUTRALIZAR AS EMISSÕES DE GASES DE EFEITO ESTUFA

Também fundamentais são os acordos comerciais e as relações diplomáticas com países parceiros. Abramos o nosso mercado ao mundo, pois nas trocas internacionais cresceremos. É fundamental concluir o acordo Mercosul e União Europeia para, depois, garantir o acesso à Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Sem participar desses grandes condomínios de nações desenvolvidas, comprometeremos a evolução do país.

Nessa pandemia, vemos um Brasil solidário, generoso, acolhedor e inovador. Portanto não é possível seguir a vida como se nada tivesse acontecido. Paremos, refletamos e aprendamos para cuidar melhor da saúde, da terra, do ar, da água, dos alimentos. Olhemos no para-brisa para construirmos um mundo melhor do que aquele que enxergamos pelo retrovisor. Inspiremos as empresas e as pessoas a desenvolverem soluções e celebrem boas iniciativas. Sonhemos com uma governança de liderança, responsabilidade, humildade, cooperação e, principalmente, ações concretas.

A sociedade e os consumidores modernos deixam claro: não basta ser parte do problema, é preciso fazer parte da sua solução. Com enorme prazer, anunciamos a ABAG como a primeira associação do agronegócio global a neutralizar as suas emissões dos gases de efeito estufa (GEE) referentes a 2019, com o novo ativo ambiental do agronegócio brasileiro, os Créditos de Descarbonização (CBios), criados pela Política Nacional de Biocombustíveis (RenovaBio). Os trabalhos foram feitos pelos amigos da Block C, um ecossistema de gestão e rastreabilidade de emissões, baseado em

“A sociedade e os consumidores modernos deixam claro: não basta ser parte do problema, mas é preciso fazer parte da sua solução.”

tecnologia blockchain. Agradecemos pelo empenho, pioneirismo e trabalho feito em tempo recorde. Nessa empreitada, para demonstrar essa inovação, contamos com a boa vontade da SGS, na certificação, da StoneX, na estruturação, e da B3.

Esperamos que a iniciativa sirva de exemplo na disseminação de ações mitigadoras das mudanças climáticas no novo mercado para os CBios. Isso acontece quando se unem protagonismo, legalidade e ciência.



“É fundamental concluir o acordo Mercosul e União Europeia para, depois, garantir o acesso à Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Sem participar desses grandes condomínios de nações desenvolvidas, comprometeremos a evolução do país.”

[B]³

SOMOS A B3. A BOLSA DO BRASIL.

Juntos, estamos evoluindo com o mercado e desenvolvendo o futuro do nosso País. Afinal, a melhor forma de acreditar no Brasil é investindo nele.

acesse B3.com.br

Gilson Finkelsztain

Presidente da B3

PROMOVER O DESENVOLVIMENTO DO MERCADO

Assistimos a um desempenho invejável do agronegócio no último ano, com sua relevância no Produto Interno Bruto (PIB) e diversos indicadores importantes na produção, exportação e geração de empregos.

Vivemos um momento ímpar no mercado de capitais brasileiro, suportado pela estabilidade econômica, pela perspectiva de continuidade da responsabilidade fiscal e pela manutenção da inflação sob controle para viabilizar juros reais ineditamente baixos no nosso país.

A B3 promove o desenvolvimento do mercado e, consequentemente, da economia, na medida em que ajuda o financiamento das empresas para expandir negócios e gerar empregos. Oferecemos aos clientes – sejam bancos, empresas, produtores rurais ou cooperativas – ferramentas para gestão de risco e de crédito. Queremos levar o setor financeiro para o campo.

A ministra Tereza Cristina está correta quando fala: “Assim como precisamos de vocês, vocês precisam de nós”. Ampliamos o acesso do setor ao mercado financeiro ao disponibilizar um portfólio completo de produtos e serviços. Temos instrumentos de captação de financiamento, como o Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA), a Cédula do Produtor Rural (CPR) e a Letra de Crédito do Agronegócio (LCA). Oferecemos o registro da CPR, relevante para a transformação e modernização jurídica, que trará maior transparência e segurança para esse mercado. Esse movimento tem o potencial de atrair mais players do mercado financeiro e aumentar a concessão de crédito com menor custo ao produto rural.

Como parte da Política Nacional de Biocombustíveis, neste ano nasceu o CBio, que está disponível para registro e negociação no ambiente da B3. Contamos ainda com a negociação de derivativos futuros de opções de café, milho e boi gordo,



entre outros. Esses instrumentos são utilizados para a gestão dos riscos, ao dar previsibilidade aos investidores e promover liquidez no mercado.

Vemos a oportunidade de criar novos produtos de relevância regional como ferramentas de precificação. Trabalhamos num novo contrato futuro da soja em parceria com o CME Group. Consideramos fundamental conectar os participantes globais ao mercado agrícola brasileiro. Isso ampliará o acesso do agronegócio às ferramentas de gestão de risco na América do Sul e no mundo. Acessíveis aos produtores, cooperativas, empresas, investidores e traders globais, esses contratos podem arbitrar preço, ampliar a distribuição global e gerar liquidez.

Com contexto global desafiador, neste 2020 diferente, vivemos diante de uma boa oportunidade para apoiarmos esse setor importante para a economia brasileira. O caminho para o sucesso dependerá da continuidade da pesquisa, do investimento em infraestrutura e da diminuição do custo Brasil. Tudo isso, aliado a uma agenda forte e séria de sustentabilidade, com enfrentamento dos desafios de comunicação global dentro e fora do Brasil. Parabenizamos a ABAG por mais um CBA.

Gustavo Junqueira

Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

INTEGRAÇÃO DO CAMPO À MESA

A ABAG e a B3 estão de parabéns por, mais uma vez, saírem na frente e inovarem na realização de um congresso 100% digital. Nesse formato, com uma programação de alta qualidade, ampliamos o alcance e elevamos o debate sobre o verdadeiro agronegócio no Brasil.

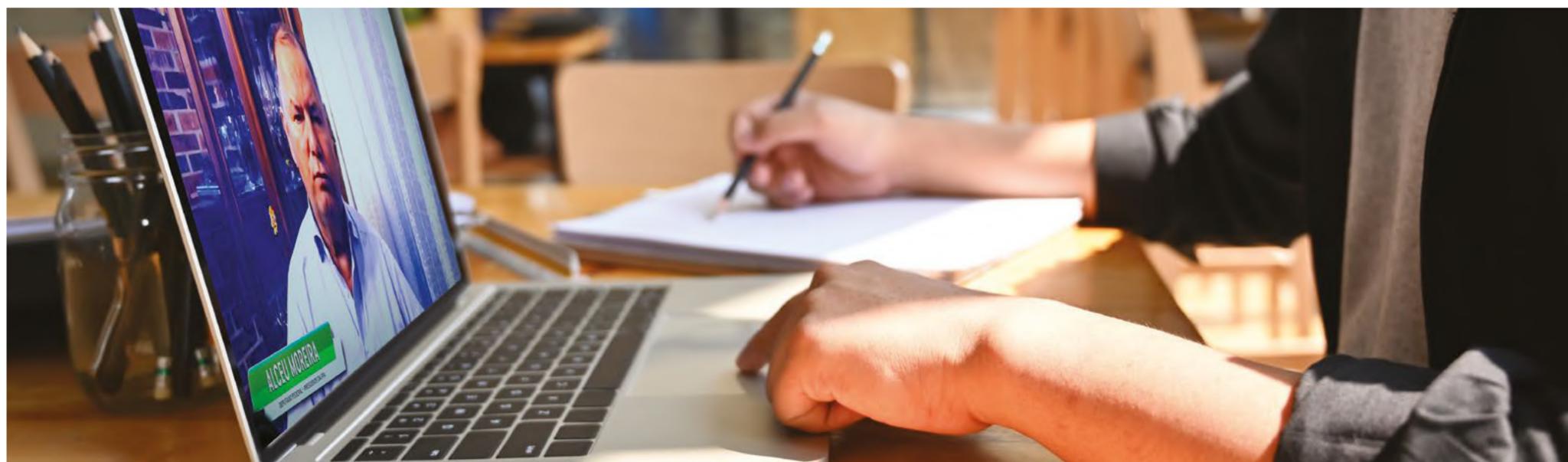
Vivemos tempos de grandes transformações e desafios pelo mundo. No Brasil, durante a pandemia, o agro foi resiliente e não parou. Diferente do que foi visto em outros lugares, aqui o abastecimento de alimentos e de outros produtos do agro funcionou mesmo sob intenso estresse. As famílias brasileiras perceberam que podem contar com o setor, faça chuva ou sol.

No Estado de São Paulo, investimos no monitoramento permanente das cadeias produtivas com a digitalização de processos e práticas, na busca por uma integração do campo à mesa.

O tema deste CBA faz pensar além das nossas porteiras. Na cadeia do agro brasileiro, tanto no elo forte como no fraco, precisamos fortalecer e desenvolver todo o conjunto. Não podemos deixar ninguém para trás. O estado tem a função de ajudar na identificação dos novos caminhos e facilitar para sairmos vitoriosos com o setor privado, as empresas, a renda e a liberdade dos cidadãos.

“

As famílias brasileiras perceberam que podem contar com o setor, faça chuva ou sol.”



Alceu Moreira

Deputado federal, presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA)

REFERÊNCIA MUNDIAL DA SEGURANÇA ALIMENTAR

A Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), representação do agronegócio no parlamento brasileiro, a ABAG e a B3 trabalham e refletem as lições para o futuro. Nada é mais necessário, neste momento que vivemos, que nos transformarmos em uma referência mundial de segurança alimentar. Pensarmos com clareza baseados num plano estratégico de inteligência com foco na pesquisa, tecnologia e inovação para conquistarmos novos mercados. Trabalharmos com integridade, na produtividade, qualidade e quantidade de produto para suprir mercados. Desejamos sucesso neste grande evento de influência no agro do Brasil e do mundo.





Nosso objetivo é alimentar até dez bilhões de pessoas em 2050, enfrentando os desafios das mudanças climáticas, recursos naturais limitados e população crescente.



INOVAÇÃO



SUSTENTABILIDADE



TRANSFORMAÇÃO DIGITAL



Tarcísio Gomes de Freitas
Ministro da Infraestrutura

INFRAESTRUTURA COM RECORDES DE PRODUÇÃO

Toda vez que vamos a campo, ficamos impressionados com o profissionalismo do agronegócio. O agricultor desbravou fronteiras ao sair de determinadas regiões do Brasil para explorar outras. Com as pesquisas desenvolvidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) para a correção dos solos, investimos em tecnologia para aumentar a produtividade.

Acompanhamos o trabalho da ministra Tereza Cristina para abrir e aumentar novos mercados. O lançamento do Plano Agrícola e Pecuário (PAC) da Safra 2020/21 terá uma repercussão muito positiva na próxima colheita.

Essa quebra de recordes na produção nos traz um sentimento de urgência para prover infraestrutura. Teremos 18 mil quilômetros de novas concessões de rodovias. Dobraremos a participação das ferrovias na matriz de transportes, com aplicações de R\$ 40 bilhões nos próximos anos. Faremos novos arrendamentos e desestatização de portos. Esses investimentos terão resultados expressivos e de relevância econômica e social.

A Ferrogrão, para exportar pelo Arco Norte, a Ferrovia de Integração do Centro-Oeste (FICO), a Ferrovia de Integração Oeste-Leste (FIOL) e a Ferrovia Norte-Sul aumentarão a oferta de transporte. A competição entre operadores levará à redução no frete, como aconteceu com a recente pavimentação da BR-163, no Pará.

Essas intervenções tornarão os portos mais competitivos. Investiremos R\$ 1,9 bilhão em acesso rodoviário e ferroviário no Porto de Santos, inclusive em dragagem. Com as desestatizações, diminuiremos o tempo de uma operação de embarque e desembarque. Isso se refletirá em redução de custo, com maior retorno e garantia de melhores resultados para o produtor.



INVESTIMENTOS EM INFRAESTRUTURA

18 mil km

de novas concessões de rodovias

40 bilhões

para dobrar a participação das ferrovias na matriz de transportes

Vem do campo a **energia** que **move milhões** de brasileiros.

BB SEGUROS

A seguradora do agronegócio brasileiro.

Quando os primeiros raios de sol invadem os pastos e lavouras de milhares de produtores pelo Brasil, o trabalho já é intenso. **Cada dia é um novo desafio** para quem atua no campo, mas os resultados são enriquecedores.

A **BB Seguros** é parceira dessa rotina, oferecendo **tranquilidade perante os imprevistos** e suporte para o **desenvolvimento sustentável de tantos negócios** pelo país. Somos líderes no segmento, com mais de 60% do mercado, cuidando do produtor rural e de tudo o que é importante para ele.

Valorizar o que o Agro tem de melhor: **um compromisso da BB Seguros.**



Tereza Cristina

Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MOSTRAR O FUTURO DA NOSSA AGROPECUÁRIA

Ninguém dúvida da potência do Brasil no agronegócio e também na área ambiental. Somos um dos poucos países do mundo com capacidade para produzir e preservar. Batemos recordes nas safras de grãos. Melhoramos a pecuária, com menos uso da terra e mais produtividade. Diversificamos a produção. Crescemos em produtividade no grão-de-bico e gergelim, entre outros. Trabalhamos para ter uma área de trigo expressiva, um dos poucos produtos em que não somos autossuficientes.

O Brasil tem terra, água, clima e tecnologia desenvolvida a partir da Embrapa. Trata-se de modelo tropical único. Hoje, abastecemos mais de 200 países, com o embarque de muitos produtos. Só neste ano, fizemos 70 aberturas de mercado. Exportamos mais proteína animal: frango, suínos, bovinos. Enfim, mostramos a que viemos e o que temos.

Após a pandemia, teremos um mundo diferente. Muitas coisas mudarão o jeito de acontecer. Fazemos as nossas conferências de forma virtual. Teremos uma maior exigência em sanidade global. No PAP - Plano Agrícola e Pecuário da Safra 2020/21, colocamos recursos para vários programas nos quais a sustentabilidade entra como marca forte. Enfim, mostramos aquilo que precisamos e queremos para o futuro da nossa agropecuária.



“O Brasil abastece mais de

200

países.

Este ano, fizemos

70

aberturas de mercado.”



Cultivando um mundo melhor juntos



Rabobank

PAINEL 1

O AGRO BRASILEIRO E A CRISE GLOBAL

DEPOIMENTO

Marcos Galvão

Embaixador do Brasil junto à União Europeia

DEBATEDORES

Grazielle Parenti

Presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA)

Márcio Lopes de Freitas

Presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras Sistema OCB

Paulo Sousa

Presidente da Cargill no Brasil

MODERADOR

William Waack

Jornalista



William Waack, jornalista

Marcos Galvão

Embaixador do Brasil junto à União Europeia

A pandemia não mudará tudo, mas já começou a provocar mudanças. Quem poderia imaginar, há meses, por exemplo, o mega *test-drive* que o teletrabalho está tendo.

Em recente entrevista, a presidente do Banco Central Europeu, Christine Lagarde, ressaltou o fato impressionante de o PIB da União Europeia ter encolhido, em dois trimestres, o crescimento feito em 15 anos. Ela completou ainda com três tendências. Primeiro, com a chamada simples de “verde”, sobre a questão central do ambiente e a mudança climática. Segundo, a digitalização de um universo mais amplo de atividades econômicas. Terceiro, a valorização das produções próximas das comunidades, argumento, infelizmente, já usado em desfavor do comércio internacional de alimentos.

A essas três tendências, acrescentaríamos mais uma, em função do sofrimento causado pela pandemia às pessoas, em termos de perdas de vidas humanas, disseminação de doenças e geração de desemprego.

Desse quadro triste e preocupante, fazemos um corte brusco e damos um salto para a nossa agricultura. Embora sejamos diplomatas, tidos por prudentes, começaríamos com uma provocação. Citaria as colheitadeiras alinhadas e a cruzarem os campos de produção brasileiros. Nada têm de errado em si mesmas, mas não podem mais ser a imagem emblemática principal da nossa agricultura brasileira.

A nossa revolução agrícola brasileira já venceu. Agora, o orgulho justificado dessas imagens precisa traduzir-se em dados e cenas com as pessoas como objeto central. Temos de humanizar e singularizar a agricultura. Contar a história dos visionários e obstinados que nos trouxeram até aqui. Mostrar ao mundo os trabalhadores e empreendedores do campo em toda a diversidade do agro: pequenos, médios e grandes.

Além dessa impressionante sustentabilidade econômica, apresentar a agricultura socialmente sustentável. Apontar quantos brasileiros foram salvos da pobreza e da falta de oportunidades. Apresentar



famílias, escolas, creches, hospitais e espaços esportivos nas comunidades locais. Ao mesmo tempo, expor a riqueza do comércio agrícola além da porteira da fazenda, não somente no Brasil, mas em países de trânsito, distribuição e destino.

Diante das pressões despertadas pela pandemia, respondemos com registro objetivo dos benefícios gerados ao longo dessas imensas cadeias produtivas alimentadoras do mundo. Lembramos, por exemplo, a importância dos grãos produzidos no Brasil na sustentação das atividades em países da Europa, Ásia e Oriente Médio. Ressaltamos a grande superfície cultivada na ajuda à preservação do ambiente natural em regiões sem condições favoráveis para a agricultura e pecuária sustentáveis.

O desdobramento crucial dessa crise representou um gigantesco déficit comercial entre países, mas as exportações do agro brasileiro fazem parte de uma complexa rede de segurança alimentar global, com contínuo funcionamento em plena pandemia. Se a Covid-19 serviu para demonstrar a importância de manter as cadeias diversificadas, o comércio agrícola global passou com louvor nessa extraordinária prova de força.

Não esquecemos da questão do meio ambiente e da mudança climática. Humanizar a imagem do nosso agro significa responder à preocupação das sociedades. Trata-se de uma ansiedade crescente, real e legítima. Apesar de existir distorção dos fatos, esse não pode ser o argumento central da nossa resposta. Devemos responder com dados objetivos. Demonstrar empenho, prioridade e resultados concretos no enfrentamento dos problemas, especialmente, mas não apenas, o desmatamento ilegal no bioma amazônico, que tem causado imenso

William Waack – *Essa sensação de fazer eventos online também é nova para mim. No estúdio de televisão, sabemos que o público está atrás. Aqui, tem um pedaço do lado de fora.*

Os diplomatas possuem essa arte de manifestar diversas coisas não tendo dito. O embaixador Marcos Galvão fez uma provocação forte, quando diz ser preciso reiterar o lado humano. Ele se refere ao que não está acontecendo, quando fala em reforçar a participação do Brasil na ajuda para preservar o meio ambiente e que as suas exportações são parte da segurança alimentar global. Há também um problema de imagem, com a inclusão do consumo de nossos produtos na questão de sustentabilidade?

Grazielle Parenti – A Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA) tem um papel fundamental na geração de renda e proteção do meio ambiente. Somos formados por empresas de médio e grande porte, nacionais e multinacionais. Temos a liderança em buscar essa conversa não só com o consumidor, mas também com os investidores.

A ministra Tereza falou sobre a disponibilidade de água, terra e tecnologia no Brasil. Gostamos e sabemos trabalhar com esses recursos. Isso é um diferencial. As cidades onde o agro está presente possuem elevado Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). A maior renda se traduz em saúde, educação e segurança.

A reputação do agro está associada à sustentabilidade. Não é só uma exigência da imprensa, do consumidor e do investidor. Isso é fundamental para continuarmos a abrir mercado.

desgaste à imagem do Brasil.

A tragédia da Covid-19 nos dá um triste e forte sacolejo. O mundo não mudará da noite para o dia, mas precisamos parar para pensar e fazer o novo. As pessoas precisam colocar as suas necessidades, aspirações e preocupações em primeiro lugar. A marca do nosso agronegócio, além da qualidade do produto e da sustentabilidade da produção, deve ser a imagem dos agricultores brasileiros em trabalho com harmonia no meio ambiente e também a dos consumidores por disporem de segurança alimentar.

Estamos em mais de 180 países e temos expectativas positivas pela frente.

Reforçamos que não só o agro e a indústria de alimentos contam com o Brasil, mas o mundo também. Vamos bem nessa questão do alimento seguro e da segurança alimentar. Como exportamos alimentos de sobra, geramos riquezas e divisas. Levamos segurança para outros povos que necessitam e não conseguem fabricar de forma competitiva e com sanidade os nossos produtos.



Grazielle Parenti, presidente do Conselho Diretor da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA)

William Waack – *Em relação ao exigido pelo consumidor brasileiro, há uma conduta double standard por parte das empresas, quando se trata de cumprir as exigências lá de fora e aqui dentro?*



Paulo Sousa – Não é *double standard*, apesar de ser o consumidor quem define como as empresas agirão. Hoje existe, sem dúvida, por parte do consumidor americano e, principalmente, do europeu uma preocupação muito grande em relação ao meio ambiente. O foco principal é em relação a GEE e à biodiversidade.

Se o desmatamento no Brasil é legal perante certos parâmetros, por que somos incomodados? A Europa se autoimpôs quesitos agressivos para redução de GEE. No Reino Unido, se espera parar com a produção de motores de combustão do ciclo Otto em 2035. Lá, o consumidor paga por isso no preço dos produtos e faz exigências rigorosas. Não adianta ficarmos chateados e reclamarmos do que os outros países fizeram no passado.

Hoje, o Brasil possui um papel relevante para suprir a cadeia global de alimentos, de acordo com critérios modernos sustentáveis. Precisamos de todos os consumidores. Como presente de Deus, a natureza nos deu terra boa, com chuva e radiação solar quase o ano inteiro. Possuímos lugares com capacidade de produzir três safras por ano.

A sociedade convive com conhecimento e mudança, inclusive no mercado asiático. As gerações mais novas optarão e comprarão produtos feitos por empresas alinhadas com o bom uso do meio ambiente. Por isso, não acreditamos em *double standard*.

William Waack – *A Grazielle disse que a preocupação com sustentabilidade e meio ambiente não é só uma questão de consumidores, mas de investidores. Contundente, o Paulo afirmou que não importa se "gostamos ou não disso". "Precisamos de todos os mercados e consumidores." Essa é a tendência moderna do mundo pós-pandemia. Que futuro vemos nesse cenário?*

Márcio Lopes de Freitas – O cooperativismo é uma forma de organização baseada na confiança das pessoas. Por isso, precisamos aprender a lidar com gente. O mundo vem em ebulição, com mudanças nas bases da sociedade humana. Algumas questões ficaram óbvias e difíceis de disfarçar. A pandemia acelerou essa ganância por mudança. Somos impulsiona-

PROMOÇÃO

FORÇA NO
CAMPO

bradesco

Concorra a **3 tratores**
pro seu agronegócio
não parar de crescer.

banco.bradesco/promocaoagro

dos por maneiras novas de comunicar e conhecer. A informação roda nas classes e países, com velocidade acelerada.

Chega de colocar a culpa na história, no passado. Precisamos ver o desejo do consumidor. A humanidade quer um comportamento adequado do produtor, com seus anseios enquanto consumidores. Como um processo em evolução, há ajuste para fazer, enquanto a humanidade busca maior interatividade.

As empresas cooperativas brasileiras precisam ter foco no consumidor para atender à necessidade do produtor. O agricultor, cooperado ou não, precisa perceber a sua missão como produtor de alimento, seja de *commodity* ou valor agregado.

William Waack – Como os grandes players fazem para esclarecer os clientes de fora sobre os pontos ressaltados pelo embaixador Marcos Galvão?



Paulo Sousa – As companhias envolvidas no fluxo global de alimentos, as chamadas *supply chain*, buscam fazer o elo entre consumidor e produtor. Esse mesmo trabalho, aqui, de contar e dividir as ansiedades do consumidor, também fazemos lá fora. Participamos de congressos e trazemos grandes clientes externos para enxergarem *in loco* a sustentabilidade da agricultura brasileira. Existem consumidores e clientes cujas opiniões são formadas pelas imagens da TV e por relatórios não tão imparciais. Temos um histórico grande de fazer alguns *tours*, tanto na Região Amazônica quanto no Cerrado brasileiro, para mostrar e trazer conhecimento sobre a nossa realidade. O embaixador comentou que temos de mostrar esse lado humano. É questão não somente da natureza, mas dos produtores e das comunidades, todos se beneficiarem de participar do bem-estar de uma vida em sociedade. O consumidor é sensível a esse lado social.

William Waack – Situamos o mundo como uma sociedade em duas velocidades. Uma, mais desenvolvida do ponto de vista dos investidores. Outra, entrando nesse processo. Para o mercado brasileiro, isso tem sido um drawback, uma espécie de uma bola de ferro que nos impede de andar mais rápido para aquele mundo?

Grazielle Parenti – O mundo está interligado. Os acontecimentos na Europa e nos Estados Unidos são aqui vistos. Isso entra pelas classes mais altas e depois permeia as demais. O sustentável não será caro



Paulo Sousa, presidente da Cargill no Brasil

banco.bradesco
@Bradesco facebook.com/Bradesco
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

Certificado de Autorização SECAP 04.007149/2019. Válido para operações de Crédito Rural e/ou BNDES Agrícola e/ou CPR. Promoção válida de 15.01.20 a 31.03.21



É tempo de nos reinventarmos



Temos como propósito nutrir o mundo de forma segura, responsável e sustentável e sabemos da nossa responsabilidade frente a este momento único e desafiador. Estamos olhando com mais cuidado para todos os detalhes e nos reinventando para, mais do que nunca, estarmos fortes, ágeis e conectados.

Obrigado a todos que fazem parte desta grande cadeia de suprimento para alimentação, que se inicia nos campos e vai até os lares de milhares de pessoas. Isso vai passar!



Saiba como a **Cargill** ajuda o mundo a prosperar. Acesse cargill.com.br ou pelo QR Code ao lado.

para sempre. Terá evolução e ganho de escala. Nessa preocupação, é ilusão a existência de barreiras. Cabe às empresas trazer esse tema enquanto fervilha entre os consumidores. Há um papel não só da porta para fora, mas da porta para dentro. Nossos fornecedores, os produtores, se orgulham do que fazem. Tivemos a sua essencialidade durante a pandemia. Adoramos essa colocação do Márcio, de uma coisa de nova humanidade.

William Waack – *Como os produtores familiares se preparam, na visão de marketing, para competir com europeus, diante desse acordo geral de livre-comércio entre o Mercosul e a União Europeia?*

Márcio Lopes de Freitas – O segredo está na organização. Existe o ditado na roça de que “capivara fora do bando vira comida de onça”. Com agregação, o grupo ganha mais força na busca de melhor acesso

e comunicação com o mercado. Temos exemplos maravilhosos. Em Lucas do Rio Verde, alguém nos ouviu, assiste e comenta. O diálogo existe e evolui. Conectado, o chamado agricultor familiar está bem informado, com noção do todo. Pode não conhecer o passo a passo do caminho, mas está consciente da mudança e da evolução da humanidade. Não tenham dúvida disso.

Precisamos conduzir com muito juízo esse processo. Saber quem está na posição de liderança para levar com transparência e abertura esse agricultor ao mercado. Fazemos um trabalho bem conjunto. Não é um simples e puro trabalho voltado a produtor, cooperativa e empresa, mas para a cadeia produtiva. Para a cooperativa e a empresa, seja na originação, transformação e agregação do setor, o importante é ter processo único, com uma leitura para atender o senhor soberano do mercado chamado consumidor, que, às vezes, somos nós mesmos.





William Waack – Nessa nossa conversa, refletimos em duas linhas. Primeiro, se o produtor, sobretudo o familiar, teria condições de competir nessa nova humanidade. Segundo, as perspectivas pós-pandemia exigem acesso à tecnologia e mudança de mentalidade. Como pulamos esse abismo?

Paulo Sousa – Estamos no agronegócio há algum tempo, quando se debatia o trabalho análogo à escravidão nas cadeias de suprimento. Isso acabou, está inaceitável. Trabalho infantil também foi cortado. Nas criações, os maus-tratos durante o processo de produção da proteína animal ficaram fora das práticas modernas. Hoje, o uso consciente de água já está bem presente nas propriedades rurais. Fazemos esse paralelo para chegarmos até o requisito da não aceitação do desmatamento.

Focado na parte agrícola, das *commodities*, podemos falar dos pequenos agricultores localizados na Região Sul do Brasil. Eles estão agregados em cooperativas e empresas para fazer conexão com os mercados globais. Possuem uma história sustentável muito boa para ser contada e vendida ao mercado.

Como disse o embaixador, precisamos mostrar o lado humano da agricultura, com gente trabalhadora na

busca de progresso social para a família e a comunidade, na produção de alimentos com segurança alimentar e sustentabilidade.

No investimento em tecnologia, que custa, mas se paga, o desafio é maior. O sistema envolve linha de crédito para fazer parte do agronegócio organizado. Este é o caminho, trazer todo mundo para a modernidade.

William Waack – Condensamos uma série de perguntas que chegam pela internet. O pequeno e o médio produtor não possuem estrutura para impor preços nos seus produtos, com as exigências de sustentabilidade? Por que a qualidade dos produtos alimentícios exportados é melhor que a daqueles que ficam no mercado interno? Como aproveitar a pressão ambiental para impulsionar melhor o uso das imensas áreas de pastos degradados?

Grazielle Parenti – Ninguém sairá e evoluirá da crise sozinho. Se o conhecimento está disponível para todos no mundo *online*, precisamos de órgãos para treinamento e ensino. Participamos de vários fóruns da indústria de alimentos e sentimos a importância do protagonismo. Quando o Brasil está na mesa para negociar produtos do agro, todo mundo presta atenção, pois sabe que possuímos qualidade, escala e competitividade.

No Brasil, apesar de a legislação ser rigorosa, as empresas brasileiras fazem 100% dentro do *compliance* das suas normas internas. Essa eficiência não é uma questão só de meio ambiente, mas de gestão de custo. Para sairmos daqui e chegarmos aos nossos mercados, precisamos ser competitivos. Então, temos de trabalhar para dentro da nossa porta, de modo que o agro organizado seja valorizado e diferenciado do agro ilegal.

William Waack – Quando falamos de sustentabilidade, um dos pontos levantados na discussão pública chama-se defensivo agrícola, agrotóxico, pesticida, como quiser. O que o setor de cooperativismo tem feito para diminuir o uso desses produtos, de modo a tornar aquilo que o Brasil vende distinto do que se considera commodity?

Márcio Lopes de Freitas – Nessa questão, a consciência do consumidor é muito grande, com a

rastreabilidade dos processos de produção. Trata-se de uma exigência dessa nova humanidade: as pessoas querem saber o que consomem. Até alguns anos, isso era específico de nichos de mercado dos produtos rastreados, dos produtos orgânicos, ou algum tipo de certificação específica.

Como difusora de tecnologia, a cooperativa busca passar ao produtor as tecnologias mais sustentáveis. Diante do foco nessa preocupação, o produtor está cada vez mais consciente da necessidade de controle dos processos de produção. Há cinco anos, isso era nicho, hoje é tendência.

Esse cuidado está sendo transferido na integração dos produtores e das indústrias parceiras, visto como uma questão transversal em todos os níveis. Não vemos diferença dessa percepção entre os pequenos, médios e grandes produtores dentro de uma cooperativa.



William Waack – Para encerrar, o que acham da seriedade de não ratificar o acordo Mercosul e União Europeia?

Paulo Sousa – Depende da nossa capacidade de nos alinharmos aos requisitos colocados pela comunidade europeia. Existem riscos e demandas ambientais claras para serem seguidas. Negar o pedido da sociedade para fazer uma parceria comercial conosco é pedir para não aceitar esse acordo. Temos de mostrar que cumprimos o dever de casa para ir ao encontro dessas solicitações.

Grazielle Parenti – O tratado União Europeia e Mercosul será uma avenida para o Brasil trazer no longo prazo um crescimento gigantesco, com mais competitividade. Na guerra da comunicação, às vezes não vamos tão bem. Então, precisamos contar a nossa história para humanizar a agricultura. Temos uma oportunidade grande pela frente e não podemos desperdiçá-la.

Márcio Lopes de Freitas – Nosso governo tem sido muito menos competente do que a iniciativa privada na comunicação do nosso Brasil lá fora, principalmente no agro. Com muita habilidade, a ministra Tereza Cristina contorna problemas causados pelo governo na comunicação externa. Precisamos encarar o problema de frente, aceitar os comandos do consumidor.

“Ninguém sairá e evoluirá da crise sozinho. Se o conhecimento está disponível para todos no mundo *online*, precisamos de órgãos para treinamento e ensino.”
Grazielle Parenti



Inovação: a grande aliada da sustentabilidade

O Brasil sabe como produzir conservando seu patrimônio ambiental



Por Christian Lohbauer

Doutor em Ciências Políticas e Presidente Executivo da CropLife Brasil

A agricultura brasileira ocupa menos de 8% do território nacional. Mesmo assim, o país está entre os maiores produtores e exportadores de alimentos do planeta. Mais ainda: o Brasil é um dos poucos países do mundo com capacidade para aumentar a produção. O que, de fato, será necessário se considerarmos a estimativa de que o mundo terá 10 bilhões de habitantes em 2050.

Porém, como mostraram os painéis apresentados no Congresso Brasileiro do Agronegócio, para atender às novas demandas do mercado, além de quantidade teremos que intensificar os investimentos em qualidade. Os consumidores pedem uma agricultura praticada respeitando o tripé da sustentabilidade: ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável. Este é outro ponto a favor do Brasil que reúne as condições fundamentais para elevar a produção sem avançar sobre áreas de preservação ambiental e florestas.

Inovar é preciso

O Brasil tem terra fértil, água, gente disposta a trabalhar com profissionalismo e tecnologia. O setor de insumos investe pesado na inovação para colocar no mercado tecnologias que reduzem o

impacto de pragas, doenças e fatores climáticos sobre os cultivos.

A indústria trabalha para obter produtos cada vez mais eficientes que também sejam seguros para as pessoas e o meio ambiente. Além disso, investe na pesquisa e no desenvolvimento de plantas resistentes ao ataque de pragas e doenças. Sejam químicas, biológicas ou genéticas, essas tecnologias são resultado de pesquisas científicas cada vez mais focadas em precisão. A ideia é acertar apenas o alvo: as pragas e doenças de cada cultura.

A associação de tecnologias permite racionalizar recursos econômicos e ambientais. Um bom exemplo é o MIP (Manejo Integrado de pragas), já amplamente utilizado pelos agricultores brasileiros. Pelo MIP, antes de aplicar qualquer produto na lavoura, é preciso contar as pragas para saber se, realmente, estão causando danos econômicos. Se o controle for necessário, a estratégia proposta pelo sistema é a combinação de ferramentas como defensivos agrícolas biológicos e químicos, plantas geneticamente melhoradas e um bom manejo cultural para manter a saúde e a produtividade das lavouras. Assim, os cultivos estarão protegidos de maneira econômica e sustentável.

O ILPF (Integração Lavoura Pecuária Floresta) é outro sistema focado em produtividade com sustentabilidade. Desenvolvido no Brasil, o ILPF permite produzir na mesma área, ao longo do ano ou das safras, grãos, proteína animal e árvores. A integração das atividades promove, além da diversificação da propriedade, a recuperação de solos degradados e a melhoria da renda do agricultor.

Revolução digital

A informação é, hoje, um insumo tão importante quanto sementes, fertilizantes e defensivos. Conectar as fazendas, monitorar, coletar e transmitir dados são os pilares da agricultura 4.0. Com base na análise dos dados locais sobre clima, fertilidade e infestação de pragas, por exemplo, o produtor pode escolher a melhor tecnologia, o melhor insumo, a melhor ação para cada situação.

Garantir ao agricultor o acesso a tecnologias inovadoras e ao conhecimento, além de fiscalizar e coibir a prática de ações ilegais contra o patrimônio ambiental brasileiro, são ações necessárias para que possamos garantir e conquistar novos mercados e seguir colocando comida boa e barata na mesa de gente de todo o mundo.

PAINEL 2

MERCADO FINANCEIRO, SEGURO E CRÉDITO RURAL



DEPOIMENTO

Roberto Campos Neto

Presidente do
Banco Central do Brasil

DEBATEDORES

Fábio Zenaro

Diretor de Produtos Balcão,
Commodities e
Novos Negócios da B3

Ivandr  Montiel

Presidente da BrasilSeg

Pedro Fernandes

Diretor de Agronegócios
do Itaú BBA

MODERADOR

William Waack

Jornalista

Roberto Campos Neto

Presidente do Banco Central do Brasil

O contexto atual de enfrentamento à pandemia trouxe desafios novos para todos nós. Mesmo nesses tempos difíceis, o agronegócio brasileiro não só continua a produzir alimento para milhões de pessoas, como tem ajudado a economia. Seu desempenho ameniza uma queda maior do PIB nacional e contribui com divisas para o equilíbrio das contas externas.

Gostaria de dizer que, mesmo durante a crise atual, o Banco Central do Brasil (BCB) vem atuando em diversas frentes para apoiar o setor agropecuário e com vistas à modernização do crédito rural. Podemos comentar algumas dessas medidas.

Recentemente, autorizamos, por meio da Resolução do Conselho Monetário Nacional (CMN) nº 4.801, a prorrogação do reembolso das operações de crédito rural de custeio e de investimento, a contratação de financiamento para a garantia de preços ao produtor ao amparo de recursos obrigatórios e criamos linhas especiais de crédito de custeio para o Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Programa Nacional de Apoio aos Médios Produtores (Pronamp). O crédito rural cresceu 10,6% no ano agrícola da safra 2019/2020 em relação ao ciclo anterior. Destacamos o crescimento de 23,9% no crédito para agricultores familiares.

No campo das decisões estruturais, o BCB ajudou na construção da Lei nº 13.986, de 7 de abril de 2020, que reconverteu a Medida Provisória do Agro. Essa lei trouxe um conjunto de avanços para estimular o desenvolvimento do mercado de capitais no financiamento do setor agropecuário.

Os títulos relacionados ao financiamento do agronegócio, agora, poderão ser emitidos e registrados de forma eletrônica. Com posterior regulamentação pela CMN, esses títulos deverão tornar o mercado de crédito privado mais seguro, transparente, ágil, com um custo de registro mais barato.

Para encerrar, queremos comentar que, a partir de 1º de julho, consolidou-se a contratação simplificada de crédito rural por meio eletrônico com menos exigências. Essa era uma demanda antiga do setor, que ficamos felizes em atender.



CRÉDITO RURAL

crescimento

10,6 %

em relação ao ciclo anterior

para agricultura familiar
crescimento de

23,9 %

CULTIVAR CONFIANÇA, CUIDAR DAS RELAÇÕES, COLHER RESULTADOS.



cooxupé

FAMÍLIA COOXUPÉ, SÓLIDA PORQUE É SUA!

William Waack – O que significa para o crédito esse crescimento na rentabilidade do setor?

Pedro Fernandes – Anos espetaculares são o novo normal na agricultura. Tivemos recorde na renda do produtor na safra 2019/2020, quando olhamos grãos. Pela relação de troca de produto com insumos para a próxima safra 2020/21, o ano será melhor ainda, salvo algum acidente climático.

Na nossa visão, o agricultor tem tido acesso a crédito. Os financiadores tradicionais refazem a estratégia, de acordo com a sua vocação. O canal das vendas ganha importância estratégica, assim como a operação barter, enquanto há uma entrada ainda tímida das fintechs. Existe a possibilidade ainda de ajuste de prazo e preço, com diminuição da importância do *shadow banking*, que traz preocupação para o regulador.

Quando falamos de quase R\$ 600 bilhões do estoque de dívida do setor agro, menos de R\$ 180 bilhões vêm do crédito rural obrigatório. Na agricultura empresarial, essa participação é menor que 20%. O BCB tem tomado medidas importantes. O desafio do setor financeiro, do produtivo e do regulador é desenhar o paradigma que trabalharemos nos próximos anos para financiar a agricultura.

William Waack – Ouvimos falar ao longo dos anos no mercado de papéis como forma de garantir ao produtor rural uma outra maneira de buscar financiamento. Que cenários podemos enxergar?

Fábio Zenaro – O cenário é muito favorável ao mercado de capitais como alternativa para a captação de recursos e alongamento das dívidas. Para o diretor financeiro, o ambiente ideal consiste em trabalhar com maior possibilidade de financiamento, em termos de prazo e custo.

Nesta crise da pandemia, o agronegócio se destacou. Neste ano, a emissão de um título específico do agro, o Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA), até julho, foi de R\$ 8 bilhões. Com *pipeline* crescente, essa cifra poderá dobrar. Falamos de um estoque acumulado de R\$ 50 bilhões. É uma fonte importante para reestruturação de dívidas.

A CPR, ao se transformar em título eletrônico mais fácil e seguro de negociar, passa por uma modernização regulatória importante. Outro caso é o CRA em dólar, que pode atrair o investidor estrangeiro.

William Waack – Como está o seguro rural, um segmento recorrente e antigo em nossa discussão?





Ivandr  Montiel – Reputamos cinco pilares para nos levar ao sucesso. Primeiro, a questão de clima, terra, solo e  gua. Segundo, o arrojo dos produtores rurais. Terceiro, a tecnologia. Quarto, o crédito rural. Agora, vemos novas fontes de financiamento, como o mercado de capitais a taxas de juros livres. Quinto, os seguros rurais, mitigadores de riscos para proteger os produtores rurais contra intemp rias e variações de preços.

O instrumento seguro rural está sendo trazido para o centro da política agrícola. Os subsídios concedidos pelo governo para pagamento de parte dos pr mios dos seguros, de 2019 para 2020, saíram de R\$ 450 milhões para R\$ 950 milhões. E já foi anunciado R\$ 1,3 bilhão para a próxima safra. Independentemente se o produtor faz a sua lavoura com recurso a taxa de juro controlada do crédito rural ou a taxa de juro livre do mercado de capitais, o seguro rural torna-se mais essencial.

William Waack – *A concessão de subsídios ao setor ressalta a importância de mitigar risco, com impacto no custo do crédito?*

Pedro Fernandes – O produtor quer uma safra com mais receita do que custo. A realidade do seguro para garantia de crédito dos pequenos produtores é uma conquista recente. Nessa agenda, é importante o nível de subsídio por parte do PAP, mas, ao mesmo tempo, com incorporação de tecnologia e queda no pr mio dos seguros voluntários e não dos obrigatórios. Vemos com bons olhos o crescimento do seguro voluntário da agricultura empresarial. Isso trará uma redução no custo de financiamento. Estudo da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban) mostrou que o preço do financiamento   poderoso para baixar o custo da d vida, enquanto o seguro é importante para rentabilidade do produtor rural.

William Waack – *Qual é a proporção de seguro voluntário e a do compulsório?*

Ivandr  Montiel – A subvenção para os seguros agrícolas não compulsórios corresponde a recursos para os produtores rurais pagarem um pedaço do pr mio. São operações feitas pelos agentes financeiros, através das seguradoras. Em 2020, devemos fechar na casa de 15 milhões de hectares protegidos. Existe uma nova percepção do produtor rural em relação ao seguro rural, cuja tomada tem crescido. Entre 2019 e 2020, as seguradoras pagaram de sinistro R\$ 3,6 bilhões em indenização. Em especial neste ano, com a maior seca dos últimos dez anos ocorrida no Rio Grande do Sul, as indenizações somaram R\$ 2 bilhões.

William Waack – *Como está, no radar da B3, o novo mercado de CBios? Já combinaram a taxação desses papéis?*



Pedro Fernandes, diretor de Agronegócios do Itaú BBA

Um portfólio que acompanha a diversidade e a inovação do campo.

A **BB Seguros** sabe que, no campo, cada negócio    nico. Por isso, oferece **proteção diversa e diferenciada para tudo que compõe o trabalho e a vida do produtor rural.**

Patrim nio Rural

Proteção para os bens que movem a atividade agropecuária:

das benfeitorias, incluindo conteúdo, construções e instalações, às máquinas e equipamentos, móveis e estacionários. Contratação rápida e simples para mais de 20 coberturas. Um seguro personalizado e completo.

Seguro Agrícola

Proteção para a lavoura contra os prejuízos causados por diversos fen menos naturais.

Disponível para 17 tipos de cultura, com garantia do plantio à colheita. Participa do Programa de Subvenção ao Pr mio do Seguro Rural. Produto sem franquias, com isenção de IOF e inspeção sem custo para o produtor.

BB SEGUROS

A seguradora do agronegócio brasileiro.

Seguro Agrícola Faturamento

Garante o pagamento da diferença entre o Faturamento Garantido e o Faturamento Obtido, causada por imprevistos climáticos ou de variação do mercado da cultura em questão. Produto sem franquias, com isenção de IOF, inspeção sem custo para o produtor e laudos e vistorias 100% digitais.

Seguro Floresta

Produto desenvolvido especialmente para atender as particularidades de terras de reflorestamento e florestas comerciais. Protege plantações de eucalipto, pinus, seringueira (s  a madeira e não a borracha), teca, cedro, mogno e outras espécies com finalidades comerciais.

Entender as necessidades do produtor e colaborar para o crescimento do seu negócio: **um compromisso da BB Seguros.**

Fábio Zenaro – No Programa RenovaBio, que começou no início deste ano, as vendas de biocombustíveis geram um CBio equivalente a uma tonelada de economia na emissão GEE. Por conta da pandemia, os parâmetros – que os distribuidores de combustíveis fósseis têm a obrigação de adquirir e fazer a compensação – estão sendo revistos. Temos algumas operações pontuais, como a realizada pela ABAG. Apesar de pequena, ela carrega toda uma simbologia por trás. Sobre a taxa, o assunto está pendente.

William Waack – *Por que é tão difícil arrumar um crédito?*

Pedro Fernandes – Estamos com uma mudança relevante. Alguns produtores conseguiram se adaptar e outros não. Tínhamos o modelo de crédito obrigatório, em que o banco enquadrava o produtor numa linha de área e valor. Passamos para um modelo de crédito livre. Cada indivíduo constrói a sua bancabilidade e financiabilidade. Isso significa conhecer os próprios dados: a necessidade e o retorno do dinheiro. Nesse ponto, o Brasil está atrasado. No Paraguai, o produtor rural que deve mais de US\$ 300 mil é obrigado pelo Banco Central a apresentar balanço e fluxo de caixa.

William Waack – *Que tipo de obstáculo faz o crédito mais caro e difícil, lá na ponta, para o consumidor, para quem toma o financiamento, como no caso da recuperação judicial?*

Ivandrê Montiel – Essa discussão não está clara ainda, se pode ser benéfica ou não para produtores rurais. Na cartilha do crédito, falamos dos cinco 'Cs': crédito, caráter, condições, capacidade e colaterais. Então, apesar de a questão climática ser essencial para a rentabilidade, outros fatores fazem parte do processo de concessão do crédito rural. Para discutir a recuperação judicial, devemos chamar os interlocutores. Falamos de financiamento do setor rural, com envolvimento das empresas de insumos e máquinas, bancos e operadores do mercado de capitais. Dado ser um problema complexo, precisamos ampliar e ter mais atores nessa conversa.

William Waack – *No mercado de hedge, quais ações estão sendo elaboradas para aumentar a*

liquidez e a correlação com os ativos objetos desses contratos?

Fábio Zenaro – Os derivativos são instrumentos utilizados para proteção de preço. Temos o caso emblemático do contrato de soja, sem liquidez. O Brasil, maior exportador do produto no mundo, não tem contrato para negociar. Como é preciso ir para Chicago, isso incomoda. Como o histórico de correlação sempre foi alto, a soja americana acabou sempre sendo utilizada como referência. Com a guerra comercial entre China e Estados Unidos, começou a haver esse descolamento do contrato de soja Brasil do americano. Então, firmamos contrato com o CME Group. Esperamos abrir campo para cooperativas locais com dificuldade de operar no mercado lá fora. Nos outros contratos, cabe trabalho educacional de conscientização da importância da gestão de risco e de levar conhecimento para maior número de agentes.



Fábio Zenaro, diretor de Produtos Balcão, Commodities e Novos Negócios da B3

William Waack – *O PAP das safras tende a se tornar cada vez menos importante?*

Pedro Fernandes – Precisamos dividir o financiamento da agricultura em dois grandes blocos. Um do Pronaf e Pronamp, com papel relevante do PAP, enquanto indutor das práticas agrícolas e de financiamento, demandantes da subvenção do governo federal. Outro da agricultura empresarial, com renda anual acima de R\$ 2 milhões.

Achamos natural o crédito rural obrigatório, com utilização do depósito à vista dos correntistas dos bancos, para emprestar para a agricultura sob certas regras. É um paradigma importante, criado lá em 1965, mas que devemos abandonar nos próximos anos. Essa agenda está sendo construída pelo BCB, MAPA, Ministério da Economia (ME) e pelos bancos. Falamos de transparência, baixo custo transacional e capacidade de securitização.

William Waack – *Como atender os produtores que não financiam o custeio, mas querem proteger o patrimônio?*

Ivandrê Montiel – A tomada de crédito e a contratação de seguro, seja contra intempérie climática ou para garantia de renda, são dois processos distintos. Como analisa o risco da operação, a precificação do segundo independe do primeiro. Nesses últimos tempos, com uma redução drástica e forte da Selic, no menor patamar da história do mercado brasileiro, muitos produtores usam recursos de conta própria para financiar as lavouras. Eles estão vendo valor no produto, sem considerar os riscos associados.

William Waack – *Em que medida as fintechs e agritechs estão mudando o negócio?*

Fábio Zenaro – Ambas oferecem outra dinâmica e permitem desenvolver processos mais rápidos. Na própria emissão de CPR aparecem as agritechs na questão de mapeamento do campo e na garantia da operação, com rapidez, transparência, segurança e informação em *real time*. Já as fintechs, no caso do agro, fazem parte da solução, como infraestrutura da B3, ao trazer aspectos complementares para dar segurança, inclusive aos produtos negociados. Enfim, abrem novos horizontes de trabalhos mais específicos.

Pedro Fernandes – Com a vantagem de estarmos expostos a diferentes negócios, em alguns deles as fintechs entram e causam uma alteração na forma colocada pelo ecossistema. Os meios de pagamentos no Brasil foram bastante alterados. Basta ver o número de adquirentes e subadquirentes existentes. Cada um com a sua maquininha e proposta de valor. As fintechs aumentarão muito ao longo do tempo. Aprendemos a desenvolver mais rápido e de modo associativo. Vemos as fintechs como um indutor de crescimento da parceria nos negócios e *pool* de operações hoje feitas. Estamos animados com a entrada dessas tecnologias no agro.

Ivandrê Montiel – No nosso setor, esse contexto representa modernidade, competição e oportunidade. A Superintendência de Seguros Privados (Susep), que cuida da regulamentação do setor de seguros do Brasil, está com uma iniciativa importante, chamada Sandbox, para motivar novas fintechs. Elas trazem parceria na tecnologia de transformação digital dos processos.

Quando ocorreu a pandemia, tínhamos milhares de acionamentos de seguros na região do Rio Grande do Sul por causa da seca. Não conseguimos verificar *in loco* por causa das medidas de isolamento e quarentena da doença. Utilizamos o assessoramento para fazer as imagens de satélite e fazer essa regulação. As parcerias tecnológicas das fintechs trazem agilidade para as companhias convencionais. A maioria dos seguros pode ser contratada através dos APPs, e podemos fazer vistoria nas propriedades rurais via assessoramento remoto.

William Waack – *Há uma certa desconfiança no funcionamento das instituições ligadas a crédito e seguro, com perguntas sobre a falta de agentes das instituições financeiras para orientar o produtor, o pagamento do prêmio em caso de sinistro, os custos de financiamento e a compra de algum produto do banco para obter o crédito rural controlado?*

Pedro Fernandes – Existe um grupo de trabalho que envolve o BCB, o MAPA e a Febraban, junto com pressão da Confederação Nacional da Agricultura, para coibir pedido ilegal de contrapartida do produtor. A venda casada é uma prática ilegal. Garantimos que na nossa instituição isso não existe.

Estar ao seu lado
é a nossa *Cultura*



FMC

An Agricultural
Sciences Company

Agricultura é união.

Nasce da colaboração de todos que arregaçam as mangas e se juntam para trabalhar a terra, cuidando das lavouras e gerando riquezas.

A **FMC** sabe que agricultura não se faz sozinho e também que uma relação forte se planta em todos os momentos. É por isso que estamos sempre juntos de você, produtor. Pesquisando e trazendo **soluções inovadoras e sustentáveis** para aumentar a qualidade e a rentabilidade da sua produção, dando todo o apoio que você precisa para ir cada vez mais longe.

Afinal, estar ao seu lado é a nossa cultura.



Acesse e saiba tudo sobre a FMC em
www.fmcagricola.com.br

Ivandr  Montiel – O seguro rural, apesar de o seu arcabouço jurídico ser mais antigo, começou a existir no meio da década de 2000. Nesses últimos anos, o instrumento foi colocado no centro da política agrícola. Esse processo ganha importância junto aos produtores rurais. A grande maioria das coberturas é feita em propriedades de pequeno porte, de até 100 hectares. Outros agricultores familiares entram nessa política a partir deste ano, por uma iniciativa do MAPA.



William Waack – *Como podemos considerar os riscos derivados das mudanças climáticas?*

Fábio Zenaro – Do lado do mercado de capitais, esse tema veio para ficar. As discussões dos títulos verdes, chamados *green bonds*, estão bem maduras lá fora. Alguns fundos se manifestaram publicamente e são investem em projetos lastrados nesse selo. Em termos de mercado de capitais, precisamos estar muito atentos. O movimento vem mais forte do lado de fora, mas já chega aqui também.

Pedro Fernandes – Temos desenvolvido uma série de produtos na linha de impacto positivo. Isso deixou de ser algo de nicho. Nas conversas e nos financiamentos, em pouco tempo, abordaremos o tema de ESG (da sigla em inglês, *environmental, social and governance*). Atualmente, no preço das opera es de agro, levamos em conta a tendência de crescimento do *rating* socioambiental. Fomentamos as melhores escolhas por parte do agricultor, com a incorpora o da ciência e da tecnologia. Esperamos que, com protagonismo, a agricultura enfrente as mudanças climáticas.

Ivandr  Montiel – O negócio de seguro rural protege dos riscos climáticos. Esse assunto está presente na modelagem dos nossos produtos. Há um tempo, certas regiões do Brasil não tinham problemas climáticos. Agora, assistimos a varia es que impactam a opera o e a rentabilidade dos produtores rurais. Os instrumentos utilizados para a mitiga o de riscos, em especial do seguro rural, precisam melhorar esse processo, com parceria das empresas fintechs e das universidades.

APRENDA EM CASA E DE GRAÇA

O curso EAD do Sistema Campo Limpo está com inscri es abertas!

Aprenda sobre o programa brasileiro que   referência mundial em logística reversa de embalagens vazias e sobras pós-consumo de defensivos agrícolas. Nosso sistema coloca em prática a economia circular!



Para fazer seu cadastro gratuitamente, acesse o site do inpEV > EAD – Educa o a Distância



Acompanhe o inpEV nas redes sociais:

 facebook.com/inpEV

 instagram.com/inpEV

 youtube.com/inpevbrasil



inpEV

PAINEL 3

O AGRO E A NOVA DINÂMICA ECONÔMICA, SOCIAL E AMBIENTAL



DEPOIMENTO

Celso Luiz Moretti

Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

DEBATEDORES

André Guimarães

Diretor-executivo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) / cofacilitador da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura

José Roberto Mendonça de Barros

Sócio-diretor da MB Associados

Luiz Felipe Pondé

Filósofo e colunista da Folha de S. Paulo

MODERADOR

William Waack

Jornalista

Celso Luiz Moretti

Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

O agro brasileiro é um dos setores mais pujantes da economia do país, responsável por algo em torno de 22% do PIB, um em cada cinco empregos gerados no país e quase metade de todas as exportações. Na safra 2019/2020, tivemos uma colheita recorde de grãos, com mais de 251 milhões de toneladas. Chegamos ao primeiro lugar da produção mundial de soja e passamos de 100 milhões de toneladas na produção de milho. Apesar de a pandemia do novo coronavírus ter impactado vários setores da economia em todos os lugares do mundo, o agro brasileiro foi um dos poucos setores com números positivos do PIB.

Tendo como pano de fundo esse cenário, gostaríamos de convidar os debatedores e participantes do 19º CBA para analisar algumas tendências que vemos para o futuro da agricultura brasileira.

Primeiro, a digitalização do campo e a necessidade de conectividade. O agro cresce muito forte no uso de sensores, drones e internet das coisas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 72% das propriedades rurais do país ainda não têm conectividade. Isso dificultará muito o crescimento da produção brasileira nos próximos anos.

Segundo, a bioeconomia, de base biológica, adotada em vários países. Como reunimos umas das maiores biodiversidades do mundo, temos uma fantástica oportunidade de geração de emprego, renda e divisas para o país. Podemos citar dois exemplos recentes. Um, de produto desenvolvido pela Embrapa, que disponibiliza e solubiliza o fósforo no solo para torná-lo mais disponível às plantas, com redução da importação de adubo fosfatado. Outro, a descoberta de micro-organismos na bacia do Rio Amazonas, numa expedição com mais de 6 mil quilômetros, onde foram encontrados micro-organismos com características para serem utilizados como biopesticidas, ou mesmo para diferentes indústrias, como têxtil e química.



Terceiro, a possibilidade de editar o genoma das plantas, com a utilização de tesouras biotecnológicas para adaptar a soja, por exemplo, às condições de seca e resistência de pragas a doenças.

Quarto, os sistemas de produção com integração lavoura, pecuária e floresta (iLPF), com mais de 15 milhões de hectares para disponibilizarmos ao mercado o conceito de carne e carbono neutro.

Quinto, a maior preocupação no mundo com as questões básicas de sanidade dos rebanhos, diante da pandemia do novo coronavírus. Tivemos também, recentemente, problemas na China com a peste suína africana.

Por último, em sexto, o ponto importante da sustentabilidade nos sistemas produtivos.

Possuímos uma série de políticas públicas, como o RenovaBio, para estimular a produção sustentável de biocombustíveis, o Plano da Agricultura de Baixo Carbono (ABC) e o Código Florestal (CF), que limita a expansão da área cultivada no país.

Não obstante, observamos que, em função do debate existente sobre a questão do aumento das queimadas e do desmatamento, a imagem do país lá fora não é das melhores no atual momento.

Teremos de enfrentar uma verdadeira batalha de comunicação para ver como esse novo consumidor, com mais ciência e quantidade de informações, enxergará os produtos brasileiros no mundo.

São mais de 70 anos de **inovação** reconhecida pelos agricultores.



Inovação faz parte do nosso DNA e é assim que conseguimos acompanhar o agricultor em seus desafios diários, levando ao campo a maior produtividade para sua lavoura e melhor uso de insumos e energia.

jacto.com



SERVINDO
A QUEM FAZ
O FUTURO.

William Waack – Diante desse depoimento abrangente, com a visão específica do setor de alta tecnologia no agro, como ficará o mundo no pós-pandemia?

José Roberto Mendonça de Barros – No mundo pós-pandemia, várias coisas, sem serem necessariamente novas, estarão acentuadas. São tendências que já eram perceptíveis em três aspectos. Primeiro, como cidadão, de as pessoas estarem mais atentas, até pela experiência que acabaram de passar, a uma vida mais simples. Segundo, como consumidores, ligados à origem e à qualidade dos alimentos, com a rastreabilidade e comparação dos preços de produtos. Terceiro, a percepção de uma aceleração da digitalização, com mais automação e reuniões a distância. Como isso rebaterá no agronegócio, se teremos gente com e sem acesso à internet?

A maior parte das tecnologias disponíveis na agricultura é sustentável. Para aumentar a produção, não precisa queimar um hectare de floresta. O agronegócio foi o único em crescimento na recessão de 2015 e 2016, com um conjunto de tecnologias para aumento contínuo da produtividade. Nada casual. Competitivos, disputamos o mercado pau a pau lá fora, sem subsídios. Com subsídio é fácil. Um amigo me dizia: dependendo do combustível, até tijolo voa.

William Waack – Qual a novidade nesse mundo pós-pandemia, quando falamos em ênfase na sustentabilidade e preocupação com o meio ambiente?

André Guimarães – É importante fazermos um pouco de resgate histórico do nosso país. Não conseguiremos olhar para o futuro sem ponderações com o passado. Tivemos ciclos econômicos importantes dependentes dos recursos naturais. Reduzimos as assimetrias que teríamos agravadas se não tivéssemos um agronegócio pujante para levantar a economia do país. Somos fundamentais para a segurança alimentar do planeta, com uma produção para alimentar mais de 1 bilhão de pessoas todos os dias.

Esse modelo de desenvolvimento até aqui, que chamamos de paradigma da expansão, não para mais de pé daqui para frente. Falamos do agronegócio e do Brasil. Saímos de uma comunidade de *Homo sapiens*, há 10 mil anos, para 7 bilhões de pessoas ocupantes de todos os cantos do mundo. Esse processo de desenvolvimento nos impõe limites. As pressões de mercado chegam com os desmatamentos da Amazônia. Então, resolvemos a equação do clima ou colocamos a galinha dos ovos de ouro em risco?

Quase 90% da nossa área agrícola não é irrigada e depende de chuva. Uma árvore da Amazônia bombeia entre 500 e mil litros de água por dia para a atmosfera. Precisamos investir em tecnologia para aumentar a produção. Isso pressupõe atrair os capitais. Devemos mostrar ao mundo uma posição unida e não polarizada. Explicar que o meio ambiente não é externalidade, mas sim aspecto intrínseco ao negócio de produzir agricultura e pecuária no Brasil. Sem a Amazônia em pé, não temos reputação e teremos pouca chuva para fazer o agronegócio crescer no futuro.



Case IH e o agricultor brasileiro

FORÇA PARA LIDERAR



Sempre mantivemos o compromisso de desenvolver soluções focadas em alta produtividade para que o produtor brasileiro pudesse superar os limites do campo.

E, agora, não poderia ser diferente, continuamos avançando com a maior renovação de produtos da nossa história.

Evoluimos com o melhor da tecnologia mundial de mecanização para elevar o produtor brasileiro a novos patamares de produtividade e eficiência.

caseih.com.br
/CaseihBrasil

A Brand of CNH Industrial

CASE IH
AGRICULTURE
RETHINK PRODUCTIVITY

Luiz Felipe Pondé – Daqui a cinco anos, ninguém lembrará dessa pandemia, assim como passados seis meses ninguém lembrava da gripe espanhola do século passado. Esse é um assunto de pessoas especializadas.

A nossa função como intelectual público no mundo corporativo é levar uma reflexão sobre as ideias. Usamos isso como recurso didático de comparação. Não achamos que desaguaremos num mundo novo depois da pandemia.

Parte dessas modificações no varejo já vinha em processo, como a própria digitalização do mundo. O resto é empolgação, uma palavra muito importante no ambiente da pandemia. A filosofia da história, de longa duração, é uma coisa oposta.

Esses desdobramentos não significam que não sejam importantes. As empresas de higiene crescem e ganham dinheiro nessa pandemia, assim como foi na gripe espanhola. Agora, a diferença está nas pessoas jovens com mais espaço e mecanismos de uso digital remoto, que tendem a concentrar e produzir mais renda.

No atacado, na visão de longa duração, a humanidade tende a seguir o curso natural. Talvez, daqui a dois anos, ainda se meça a temperatura em certos ambientes. Com a chegada da vacina, achamos que não. Durante a pandemia da gripe espanhola se discutia muito *lockdown* na comunidade pequena. Agora, como fica na cidade grande?



Luiz Felipe Pondé, filósofo e colunista da *Folha de S. Paulo*



José Roberto Mendonça de Barros, sócio-diretor da MB Associados

O olhar a distância da história necessita de respostas pragmáticas e próximas. Devemos então tomar cuidado com o risco da empolgação ao concluir que o mundo será diferente. O consumidor da classe média alta é mais exigente e preocupado. Diferente do senso comum da população de menor renda. Nessa pandemia, isso mais atrapalha do que ajuda, com dispersão de conteúdo.

William Waack – *Estaremos no mesmo mundo, antes e pós-pandemia, do ponto de vista de quem produz no Brasil e vende lá fora?*

José Roberto Mendonça de Barros – O sucesso da agricultura brasileira está baseado em dois pés. O primeiro é o conjunto de desenvolvimento tecnológico que aumenta a produtividade das lavouras a custos decrescentes. O segundo é dependermos cada vez mais da inserção no mercado mundial para dar escala e pagar essa mudança tecnológica. Diante da pandemia, conseguimos instituir os protocolos para colher, distribuir e exportar uma safra recorde, com preços decentes para atender o mundo. Então, vem a queimada da Amazônia, de um ano e meio para cá, que representa um problema insustentável.

William Waack – Em que medida o mundo pós-pandemia tem maior ou menor ênfase nas questões ambientais e de sustentabilidade? A China e os Estados Unidos estão mais preocupados com a competição tecnológica do que em se mostrarem amigos do planeta?



André Guimarães, diretor-executivo do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) / cofacilitador da Coalizão Brasil, Clima, Florestas e Agricultura

André Guimarães – Na solução da pandemia, a ciência pode ajudar nos dados do surto, na produção da vacina e em proteções sanitárias. Essas informações estão na mídia e nas redes sociais. Temos uma externalidade interessante nisso, de a sociedade observar com mais atenção a ciência como elemento norteador nas decisões das pessoas, empresas e governo. Isso cabe inclusive para entender as implicações das mudanças climáticas globais em uma dimensão local. A pesquisa brasileira já começou a indicar alterações regionais no regime de chuvas do sul da Amazônia e norte do Cerrado, em uma semana. Com isso, podemos colocar em risco a safinha do Brasil, uma das nossas vantagens comparativas.

Precisamos entender o valor intrínseco da chuva que a Amazônia gera para o Cerrado e o mundo. A ciência pode ser elemento de união entre as forças

do agro, as ambientais e as governamentais, para precificar esse serviço ambiental oferecido pelo Brasil ao planeta. Sonhamos com o dia em que o produtor agropecuário olhará o campo e a sua reserva legal como ativos naturais para a produção.

William Waack – No mundo pós-pandemia, a ciência será o norte orientador do debate?

Luiz Felipe Pondé – Possuímos essa esperança, inclusive no sentido de pensar o tema ambiental com uma duração maior do que a pandemia. A presença da ciência nas redes sociais e na mídia, na sua grande maioria, passará porque é um repertório movido por desespero e não entendido pelas pessoas. Achemos interessante investir na informação científica, no sentido de tornar mais claro o meio ambiente como ativo do que a pandemia aproximar as pessoas da ciência. Esse é um processo protocolar, lento e controverso, com investimento e interesse. A pesquisa em vírus é atrasada, porque não dá retorno. Pouco se sabe sobre essa pandemia, assim como no começo da espanhola. Tem semanas que se fala que tal remédio funciona e outras que não.

A ciência mudou a face do mundo, sem dúvida, ao reduzir incertezas. Ela está normalmente aliada ao capital. Quem tem certeza é o senso comum, que não entende do método científico. Na área específica do agro, gostamos da síntese de olhar o meio ambiente como ativo e não como passivo.

William Waack – O mundo pós-pandemia deveria empolgar o agro?

José Roberto Mendonça de Barros –

Achamos que 100% dos participantes sabiam que não chegaríamos até aqui sem a ciência. Como certas linhas de progresso tecnológico possibilitarão uma transformação extraordinária, deixaremos de correr atrás de derrubar árvore em região nova.

A agricultura de precisão produzirá mais com menos custos, pelo uso de inoculantes, fertilizantes especiais, produtos biológicos e químicos. A partir da nanotecnologia, digitalização, internet e infraestrutura, estamos perto de um salto de produtividade e coisas novas.



André Guimarães – Temos um pouco mais de compreensão, até por experiências pregressas, de estarmos isolados, sem ditarmos regras e sermos influenciados. Pela ciência, os nossos recursos naturais poderão ser elemento fundamental para nos alavancar para o futuro.

Devemos olhar a questão ambiental com muito pragmatismo. Vamos unir ambientalistas, cientistas, produtores, investidores e governo para entendermos o caminho a seguir. Gastamos tempo com a brincadeira de cabo de guerra, de cada um puxar para o seu lado. Vamos harmonizar a produção e a conservação ambiental no Brasil. Para readquirirmos a reputação perdida, precisaremos de tecnologia e investimento.

Luiz Felipe Pondé – Com dúvidas sobre as harmonizações dos acordos, olhamos a geopolítica ser cada vez mais dominada por uma briga tecnológica de informação, e o resto será levado um pouco puxado por isso. Uma das áreas para ficarmos empolgados é do capitalismo, no sentido de produzir riqueza na sua associação com a ciência. Agora, achamos o momento de caminharmos com algumas tensões. Inclusive por conta da briga dos Estados Unidos com a China ao redor das tecnologias de informação com tendência de domínio em tudo, porque predominam as narrativas.

DA MINA AO CAMPO, AJUDANDO O MUNDO A PRODUZIR OS ALIMENTOS DE QUE PRECISA.

A Mosaic Fertilizantes age com energia, inovação e responsabilidade em todos os pontos da cadeia produtiva. A empresa extrai do solo, com cuidado e precisão, elementos minerais que são transformados em fertilizantes e ingredientes para nutrição animal.

Promover o desenvolvimento sustentável do agronegócio, oferecendo soluções para ajudar a alimentar uma população em constante crescimento. A Mosaic Fertilizantes entende e abraça esse desafio, que é raiz de sua história e inspira seu futuro.



CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO



Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

72 %

das propriedades rurais do país ainda não têm conectividade.

Roberto Rodrigues

Coordenador do FGVAgro da FGV

Os comentários serão curtos, como sempre. Caracterizamos que a pandemia agilizou processos tecnológicos e científicos, que já vinham acontecendo, e um deles é a conectividade, com a digitalização. Esse evento é a prova mais cabal disso, com mais de 8 mil participantes.

Parece que tudo o que foi dito aqui converge para dois temas centrais. O primeiro deles é a segurança

alimentar. O segundo, a sustentabilidade. Ambos estão intimamente ligados. A pandemia mostrou que podemos ficar sem comprar sapato, automóvel e televisão, mas não podemos ficar sem comprar comida. Portanto, isso ganhou uma dimensão que já teve no passado, no pós-Segunda Guerra Mundial, mas se perdeu com o tempo porque não faltou para mais ninguém no mundo inteiro.

Esse risco de perder alimentação trouxe a segurança alimentar ao centro do debate mundial, com valorização da agricultura de modo óbvio. Em qualquer lugar, todos comentam: "A agricultura não parou". Ela não para mesmo, até porque ela é determinada por um fator exógeno, que é a natureza. Planta-se quando a natureza permite plantar. De modo que o setor ganhou uma nova dimensão em termos de reputação global, com crescimento na imagem popular mundial.

Isso é muito importante porque tem uma consequência direta na ação dos governos no mundo inteiro em prestigiar e, eventualmente, proteger a agricultura, ao criar um novo modelo de protecionismo, que pode perturbar o comércio global. Já se fala em governos que querem impedir exportação de excedentes, com medo da falta comida no futuro para a sua população. E governos que querem proteger seus produtores, inibindo importação de competidores mais eficientes, como é o caso dos tropicais, como o Brasil.

Então, são dois mecanismos que podem perturbar o comércio global, criando dificuldades e novas regras para as quais temos que estar muito atentos. Junto com a segurança alimentar como tema central capitalizado pela pandemia, existe outro diretamente

ligado, o da sustentabilidade. Aqui se tratou muito dessa questão. O mundo inteiro quer saber como o produto foi produzido, em termos de legislação, equipamentos, mão de obra e insumos.

Esse contexto ganhou uma nova dimensão também do ponto de vista tecnológico. O André Guimarães colocou muito bem, no final da sua fala, a fundamental importância existente na direção de eliminar a discussão ou a divisão entre produtores e ambientalistas. Nesse aspecto, o Código Florestal foi a coisa mais exemplar ao mostrar ser possível compor uns e outros, fazendo uma lei de que ninguém gostou. Isso foi ótimo, porque, ao ser quebrada, ela não prejudicou nem ajudou ninguém excessivamente.

Precisamos caminhar nessa direção. O exemplo do Código Florestal é fundamental para nós. Temos de acabar com essa diferença entre uns e outros e caminhar via ciência e tecnologia, com entendimento político e racionalidade, para aquilo que a ministra Tereza Cristina colocou logo no começo das apresentações: o Brasil é uma potência agrícola e ambiental. As duas coisas são absolutamente unidas e únicas e têm que caminhar juntas. Então, segurança alimentar com sustentabilidade me parece que é a grande conclusão desse formidável evento.

Marcello Brito

Presidente do Conselho Diretor da ABAG

Em rápidas palavras, agradecemos ao time da ABAG pelo trabalho incansável durante meses para fazer esse evento brilhante, ao nosso conselho e associados pelo apoio e a esse número enorme de participantes.

Um agradecimento especial aos nossos patrocinadores por um motivo específico, dentre vários, por ser um congresso gratuito, dando oportunidade de nos acompanhar a uma série de estudantes de agronomia, de zootecnia, das diversas engenharias, de administração e de economia.

Esse setor, com certeza, será o grande captador de mão de obra qualificada. Nessas últimas duas semanas, uma pessoa jovem que conhecíamos estudou engenharia aqui, foi para o Japão, se

especializou em robótica e voltou para o Brasil. Como não conseguiu se encaixar, foi contratado pela Alemanha. Ontem, uma pessoa muito querida minha embarcou para a Alemanha, onde as fronteiras estão fechadas para turistas, mas abertas para as grandes cabeças. Essa pessoa foi contratada para trabalhar numa empresa do agronegócio alemão.

Então, fica o nosso abraço a todos, com esse desafio de que logo o agro esteja tão mais moderno e tecnológico para fazermos o caminho inverso, de trazemos de volta esses jovens tão bem preparados e que foram emprestar essa inteligência lá fora. Vamos trazer essa turma para cá e colocar essa inteligência em favor do Brasil. Saúde para todos. Muito obrigado.

Itaqui,

abrindo caminhos do
campo para o mundo



Milhões
toneladas/ano

O **Porto do Itaqui**, localizado em São Luís, no Maranhão, conta com um dos mais modernos e eficientes terminais de grãos do país, o Tegram, que em 2020 inaugura uma nova fase no escoamento de grãos produzidos na região centro norte do Brasil. Sua capacidade instalada, somada a do sistema VLI, também em operação, permite a movimentação de **20 milhões de toneladas/ano**.

E tem mais. Está em fase final de construção o mais moderno terminal de fertilizantes da América Latina com capacidade para receber **3,5 milhões de toneladas/ano**.



Dentre outras vantagens competitivas, o Itaqui está conectado à **Ferrovía Norte-Sul**, por meio da Estrada de Ferro Carajás, e também à Transnordestina, o que torna o porto público do Maranhão um ativo estratégico para o corredor Centro-Norte do país.

Estamos preparados!



www.portodoitaqui.ma.gov.br

@portodoitaqui





PÚBLICO

O Congresso Brasileiro do Agronegócio 2020 ONLINE – ABAG e B3 contou com:

7.767 participantes somente na página oficial, além da audiência pelo canal do YouTube da ABAG e do Canal Rural.

41 países e pessoas de todos os estados brasileiros assistiram à transmissão.

O público participou intensamente com perguntas enviadas por WhatsApp e pelo *link* do hotsite da transmissão.

A Brand of CNH Industrial

NEW HOLLAND
AGRICULTURE

SEMPRE COM VOCÊ

NEW HOLLAND,
PARA O SEU

CAMPO

PARA VOCÊ.

Quem vive do campo tem um olhar diferente para tudo. Com a New Holland também é assim. Quando olhamos nossas máquinas, nós vemos o seu campo. Afinal, por trás do nosso trabalho, existe a vontade incansável de encontrar a solução ideal para o seu negócio. Pensando em cada cultura e em cada semente, para entender o que é melhor para você.



MÁQUINAS
FEITAS PARA O
SEU CAMPO



ATENDIMENTO
PERSONALIZADO
NO PÓS-VENDA



MANUTENÇÃO
PREVENTIVA: MAIS
PRODUTIVIDADE



DISPONIBILIDADE
DE PEÇAS



AS MELHORES
CONDIÇÕES DE
FINANCIAMENTO



seucampo.com.br

IMPRENSA

REPERCUSSÃO **345**

Matérias publicadas em sites, portais, jornais, TVs e revistas.

COBERTURA **133**

jornalistas acompanharam a realização do evento.

PARCERIAS **41**

empresas de mídia e influenciadores digitais do agro, participaram da divulgação do evento.



Cash-settled South American Soybean futures available for trade September 21, 2020*

Introducing futures contracts designed to reflect Brazilian soybean export prices at the port of Santos. Hedge risk more precisely on Brazilian-grown soybeans, manage regional price differences by trading the spread with our liquid North American Soybean futures, and enjoy flexible execution to help suit your trading needs.

Learn more at cmegroup.com/sa-soybeans

 CME Group

*Pending all relevant regulatory reviews.

Derivatives are not suitable for all investors and involve the risk of losing more than the amount originally deposited and any profit you might have made. This communication is not a recommendation or offer to buy, sell or retain any specific investment or service. Mailing Address: 20 South Wacker Drive, Chicago, Illinois 60606. Copyright © 2020 CME Group. All rights reserved. View full disclaimer: cmegroup.com/disclaimer.html



Eduardo Cruzetta
Associado Sicredi

A gente traz inovação **para o agronegócio crescer.**

Somos o Sicredi e, há mais de **117 anos**, estamos ao lado de quem trabalha no campo. Além de nossa parceria decisiva na liberação de crédito rural, fazemos parte do **AgTech Garage: o maior hub de inovação da América Latina para o agronegócio** reunindo startups, centros de pesquisa, empresas e instituições de ensino. Assim, estimulamos a evolução tecnológica do setor, gerando desenvolvimento e oportunidades de negócios para os nossos associados. Com a força do cooperativismo, cada vez mais fazemos a diferença pelo agronegócio.

- 2º lugar em Crédito Rural no ranking Maiores e Melhores 2019 da Revista Exame;
- 2º colocado entre as Instituições Credenciadas de Operações Indiretas do BNDES 2019 disponibilizando aproximadamente R\$ 2,9 bilhões em recursos;
- 1º lugar no ranking do BNDES 2019 em todas as operações indiretas para pessoas físicas.

Venha inovar com a gente.



sicredi.com.br

SAC - 0800 724 7220
Deficientes Auditivos ou de Fala - 0800 724 0525
Ouvidoria - 0800 646 2519

 **Sicredi**

**EXPEDIENTE**

Congresso Brasileiro do Agronegócio 2020
ONLINE
ABAG e B3

ANAIS

Coordenação
Gislaine Balbinot - MTB 065/MS

Edição de Conteúdo

Luiz Antonio Pinazza

Revisão

Abgail Cardoso e Maria Inês Caravaggi

Apoio

Eduardo Daher
Emilia Dualibi
Juliana Pereira
Lucas Ribeiro
Dayana da Silva

Fotos

Cauê Diniz

Design e produção gráfica

MW2 Design

Assessoria de Imprensa

Mecânica de Comunicação

Organização e Produção

Wenter Eventos

www.abag.com.br

www.b3.com.br

Assista à gravação do evento pelo canal do YouTube da ABAGBR.

APOIO DE MÍDIA

O Congresso Brasileiro do Agronegócio 2020 contou com o apoio de mídia de:



O FUTURO ESTÁ NO AGRO

O MODERNO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO É RESULTADO DA EFICIÊNCIA EMPREENDEDORA DOS PRODUTORES RURAIS, DAS EMPRESAS E ORGANIZAÇÕES, COM INVESTIMENTO EM PESQUISAS E INOVAÇÃO. UMA GRANDE CADEIA PRODUTIVA TRABALHANDO PARA GARANTIR A PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DE ALIMENTOS, FIBRAS E ENERGIA.

ABAG

REPRESENTANDO O AGRO NO BRASIL E NO MUNDO



abag

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AGRONEGÓCIO



LIÇÕES PARA O FUTURO

2020

EVENTO ONLINE



Agradecemos aos patrocinadores do Congresso Brasileiro do Agronegócio 2020. Em um ano de grandes desafios, o apoio das empresas patrocinadoras foi fundamental para o sucesso do evento, que bateu recorde de público *online*.

Com o tema **Lições para o Futuro**, o Congresso reuniu um seleto grupo de especialistas de diferentes elos da cadeia produtiva da agropecuária, como presidentes de empresas, entidades setoriais e institutos de pesquisa, importantes economistas e representantes da diplomacia brasileira para discutir o peso geopolítico do Brasil no campo da segurança alimentar e energética e caminhos para retomar o desenvolvimento da economia brasileira.

Reserve sua agenda para participar da 20ª edição do CBA, que será realizada em **2 de agosto de 2021**.

Patrocínio Master



Patrocínio

